



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade

Sinop, v. 10, n. 2 (27. ed.), p. 732-742, ago./dez. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

O ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

TEACHING AND LEARNING PROCESS WITH DEAF CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Ani Paula dos Santos Lima

RESUMO

Este artigo aborda as relações de ensino e aprendizagem com crianças surdas na educação infantil realizada em uma Instituição de Educação Infantil do Município de Sinop, Mato Grosso. Com uma criança surda da turma da pré-escola, com 4 anos de idade e outra com 2 anos de idade do maternal. Teve como objetivo analisar as relações de ensino e aprendizagem construídas entre professor e aluno. A pesquisa foi de cunho qualitativo com observação participante e aplicação de um questionário de pesquisa semiestruturado. Os estudos teóricos foram embasados por Ronice Muller de Quadros e Karin Lilian Strobel. Conclui-se que as crianças surdas estando inseridas em espaço escolar mesmo que não sendo uma escola bilingue, ela aprende.

Palavras-chave: Educação Infantil. As relações de ensino e aprendizagem da criança surda. Qualitativo. Ronice Muller de Quadros e Karin Lilian Strobel.

ABSTRACT²

¹Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA SURDA NA EDUCAÇÃO INFANTIL** sob a orientação da prof.^a Rosa Carolina Silva de Gouveia, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/1.

²Resumo traduzido pela professora Mestra Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Graduada em licenciatura plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013. Mestra em Estudos de Linguagens pela UFMT/Cuiabá, 2015. Professora interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop.

This article addresses the Teaching and Learning Relations of deaf children in early childhood education in a institution in Sinop city Mato Grosso state. The investigated subjects were a 4 years old deaf child from the preschool class, and another 2 years old deaf child from the nursery school. It aimed to analyze the relations teaching and learning relations constructed between teacher and student. The research had a qualitative approach with participant observation and application of a semi-structured research questionnaire. The theoretical studies were based on Ronice Muller de Quadros and Karin Lilian Strobel. It is concluded that if deaf children is inserted in a school space, even though it is not a bilingual school, she can learn.

Keywords: Early Childhood Education. Teaching and Learning Relations of deaf children. Qualitative. Ronice Muiler de Quadros and Karin Lilian Strobel.

Correspondência:

Ani Paula dos Santos Lima. Graduanda em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Bolsista pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) lotada no EMEI Tatiana Belinky e no EMEI São Cristóvão. Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail:

anipauladossantoslima@gmail.com

Recebido em: 14 de outubro de 2019.

Aprovado em: 25 de outubro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3693/2608>

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as relações de ensino e aprendizagem construídas com uma criança surda de 4 anos de idade da Escola Municipal de Ensino Infantil Tatiana Belinky e outra de dois anos da Escola Municipal de Ensino Infantil São Cristóvão, nos espaços de educação infantil, considerando as relações sócio afetivas com uma aluna surda da turma de Pé Fase I com 4 anos de idade.

A pesquisa foi de cunho qualitativo e embasou-se na observação participante e aplicação de um questionário de pesquisa semiestruturado. Esta pesquisa foi

realizada em uma Instituição de Educação Infantil do Município de Sinop-MT no ano de 2018.

Este trabalho foi dividido em três capítulos, sendo o primeiro sobre o contexto histórico da LIBRAS e os desdobramentos da educação dos surdos em nível de Brasil e do mundo. No segundo é trabalhado as questões sobre a inclusão do aluno surdo na Educação Infantil e os desafios de sua aprendizagem. No terceiro momento é apresentado as observações e análises da entrevista realizada com os sujeitos da pesquisa e os resultados desta pesquisa.

Faço menção ao artigo de Debora Kamila Osorio Moro que trata sobre a **Aquisição da Linguagem da Criança Surda em Escola Inclusiva** de 2019, na qual busca demonstrar a importância de LIBRAS no processo de inclusão de crianças surdas na educação infantil, entendendo as relações pedagógicas dos professores com crianças surdas na educação infantil.

Para o embasamento teórico desta pesquisa utilizamos autores que discutem questões referentes a LIBRAS e a criança surda, assim como a relação da família no processo de aprendizagem, sendo estes: Gesser (2009), Quadros(1997), Strobel (2007), entre outros.

2 HISTÓRIA DOS SURDOS NO BRASIL E NO MUNDO

Iniciaremos este capítulo mencionando algumas versões históricas de surdos oficiais registrados em muitos livros. Os fatos listados no cronograma abaixo seguem na sequência em cinco grandes períodos: Pré-História, Idade Antiga ou Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. Pereira (2011, p. 05) afirma que:

Uma retrospectiva histórica da educação de surdos permite constatar que, pelo prisma de misticismo da educação egípcia, pela filosofia grega, pela piedade cristã, pela necessidade de preservação e perpetuação da nobreza e do poder, pelo desejo de unificação da língua pátria, pelos avanços da medicina, da ciência e da tecnologia, ou pelos interesses políticos, diferentes concepções de surdez e de sujeito surdo permearam a escolha das abordagens usadas na educação do surdo.

Nós sabemos que na história da educação dos surdos nós pesquisamos e investigamos o passado dos povos surdos e das comunidades surdas, procurando

obter episódios e compreender as suas realizações linguísticas, educacionais, sociais, políticas e culturais. Na visão de Berthier (1984, p. 165), o autor relata que:

[...] Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: A infelizmente criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar.

Segundo Strobel (2009, p. 33) destaca a ajuda de L'Épée os surdos formados no Instituto de surdos de Paris alcançaram diversas conquistas, como atuar em cargos que antes nem se havia possibilidade de almejavam, e que antes eram ocupados somente por pessoas ouvintes. As outras escolas como a de Braidwood na Inglaterra e de Heinicke na Alemanha tinham como método a modalidade oral e privilegiavam a oralização dos surdos e não utilizavam a língua de sinais.

Strobel (2009, p. 33) pontua que no século XIX já era um método utilizado em quase todas as escolas de surdos, assim como na França que antes com L'Épée se tinha a utilização da língua de sinais. Com isso, em 1880 no Congresso Internacional de Educação de surdos em Milão na Itália foi reconhecido o oralismo como método eficaz para os surdos. Mas este congresso teve participação somente dos defensores do oralismo e que eram ouvintes e não surdos, assim como afirma Strobel (2009, p. 33):

[...] havia 164 delegados no evento, sendo uma boa maioria de franceses e italianos a favor do oralismo, votou pela proibição da língua de sinais nas escolas da época. Apenas Estados Unidos e Inglaterra eram a favor do uso da língua de sinais. Os próprios educadores surdos foram proibidos de votar. Com a influência de Grahm Bell pelas criações de aparelhos auditivos, admirados e cridos como uma solução para a "cura" da surdez, o Congresso finalizou com a aprovação do método oral, único e exclusivo para a educação de surdos.

Conforme Lane (1992, p. 10) nos anos 60, uma série de inovações aconteceu em benefício a surdez. Surgiram por exemplo, as primeiras escolas normais. Após esse período, começou um movimento pela salva da língua de sinais, de forma bimodal (dois modos de linguagens), como uma instrução por meio da comunicação (fazer uso simultâneo da língua de sinais e da língua oral).

A partir disso foi criada a nova proposta de trabalho que foi chamada de bilinguismo, que se refere ao ensino de duas línguas para os surdos: sendo a primeira, a língua de sinais, dá estrutura para o aprendizado da segunda língua, a língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita (PEREIRA, 2011).

Pereira (2011) aborda que a história da educação de surdos no Brasil se inicia a partir de Dom Pedro II, que por ter um genro que era surdo, o imperador, começou a se interessar pelas línguas de sinais, a partir do contato com o marido de sua filha, no entanto não se tem uma confirmação verídica sobre este fato. Com isso, o imperador convidou um professor surdo francês, Ernest Huet, para vir ao Brasil tendo como objetivo fundar uma escola de surdos no Brasil.

E no ano de 1857 é fundado o INES (Instituto Nacional De Educação Dos Surdos), no Rio de Janeiro, conhecido, na cidade do Rio de Janeiro. Em relação à fundação e legislação do INES, Doria (1958, p. 171) explica que:

[...] quando a Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, denominou-o 'Imperial Instituto de Surdos-Mudos' (...), o artigo 19 do Decreto nº 6.892 de 19-03-1908, mandava considerar-se o dia 26 de setembro como a data de fundação do Instituto, o que foi ratificado pelos posteriores regulamentos, todos eles aprovados por decretos. Inclusive o Regimento de 1949, baixado pelo Decreto nº 26.974, de 28-7-49 e o atual, aprovado pelo Decreto nº 38.738, de 30-1-56, (publ. No D.º de 31-1-56), referindo à denominação de 'Instituto Nacional de SurdosMudos' (...) Tal instituição viu seu nome modificado recentemente pela Lei nº 3.198, de 6-7-57 (publ. No D.º de 8-757), para 'Instituto Nacional de Educação de Surdos' [...].

Huet teve muitas dificuldades quando ensinava no INES, porque algumas famílias não o reconheciam como um cidadão, pela sua condição de surdo e não confiavam em seu trabalho pedagógico.

Mori e Sander (2015) discorre que quase dez anos depois, em 2002, a LIBRAS foi finalmente reconhecida como uma língua oficial do Brasil. Os sinais de LIBRAS é uma combinação de configurações de mão, movimentos e de pontos de articulação, locais no espaço ou no corpo onde os sinais são feitos também de expressões faciais e corporais que transmitem os sentimentos que para os ouvintes são transmitidos pela entonação da voz, e juntos compõem as unidades básicas dessa língua.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A surdez é a ausência, perda ou diminuição considerável do sentido da audição, ela poderá ser congênita ou adquirida, surdo; audição; interpessoais; comunicação, neste sentido as autoras Silva, Kauchakje e Samira Gesueli (2003, p.17), conceituam que:

A audição é o meio pelo qual o indivíduo entra em contato com o mundo sonoro e com as estruturas da língua que possibilitam o desenvolvimento de um código estruturado, próprio da espécie humana. A língua oral é o principal meio de comunicação entre os seres humanos, e a audição participa efetivamente nos processos de aprendizagem de conceitos básicos, até a leitura e a escrita. Além disso, influi decisivamente nas relações interpessoais, que permitirão um adequado desenvolvimento social e emocional.

Gesser (2009, p. 72) complementa que:

O grau de surdez pode variar de leve a profundo. A surdez leve pode, entretanto, ir se agravando como tempo e virar surdez profunda. São limiares de cálculo os resultados os resultados em decibéis: 'normal: até 25 dB, leve: de 26 a 40 dB, moderada: de 41 a 55 dB, moderadamente severa: de 56 a 70 dB, severa: de 71 a 90 dB, profunda: maior de 91 dB".

Conforme Gesser (2009; p. 45) ainda há concepções, acerca de como este sujeito surdo se identifica, de que forma ele se vê perante a comunidade surda, e mesmo ele tendo apenas uma perda auditiva, que para o discurso médico ele não é surdo e sim deficiente auditivo, mas para a comunidade surda ele é surdo sim, mesmo fazendo o uso de aparelho auditivo.

Segundo Lacerda (2017, p. 49) aborda que a criança desde o seu nascimento, vivência novas experiências e descobertas, seja no grupo familiar, social ou educacional. Sendo que a cada dia na Instituição de Educação Infantil, ela está inserida em um novo mundo, aprendendo a explorar, sendo desafiada a constituir-se um ser social, que constrói, cria e transforma de acordo com suas experiências. Conforme afirma Lacerda (2017, p. 49):

Assim, a cidadania almejada para a educação infantil pode ser erigida como o maior marco de todo o processo de educação infantil. Dessa forma, educar para a cidadania envolve a formação de atitudes de solidariedade para com os outros, particularmente com aqueles que tem dificuldade de superação de atitudes egoístas, implica fazer gestos de cortesia, preservar o coletivo, responsabilizar-se pelas próprias ações e discutir aspectos éticos

envolvidos em determinada situação. Inclui, para cada criança, poder se expressar e respeitara expressão do outro em relação a sentimentos, ideias, costumes, preferencias e ser aceita em suas características físicas e morais.

Segundo Quadros (2008, p. 70) a criança surda deve ser estimulada desde cedo, partir de seu nascimento, e precisa estar em um ambiente escolar que vai ajudar muito em seu desenvolvimento e aprendizagem. Se faz muito importante a inclusão desta criança surda em sala de aula, pois vai vivenciar diversas experiências com os professores e colegas de turma. A partir das interações e brincadeiras, esta criança irá aprender novos sinais e assim desenvolver a sua língua.

4 METODOLOGIA

De acordo com Chomsky e Quadros (2008, p. 22) a aquisição da língua de sinais para a criança surda, é de suma importância para sua educação, autor sendo que precisa aprender a sua língua para se comunicar, ela vai se comunicar através das mãos, se faz necessário também que a professora saiba LIBRAS, ou que seja surda, ou que tenha o acompanhamento de um profissional Intérprete

Na escola municipal de ensino infantil Tatiana Belinky a professora pode proporcionar experiências muito ricas para esta criança surda, mesmo a professora sendo ouvinte, como por exemplo, trabalhar com imagens, fotografias ou desenhos, facilitando a assimilação da língua, porque a língua do surdo é gestual-visual.

No espaço escola, essa singularidade do surdo deverá ser significativa dentro dos planos de aula e dos projetos pedagógicos, para que os resultados sejam satisfatórios. Deste modo, deve-se entender que “a criança surda vê palavras no papel e constrói conhecimento linguístico e gramatical por meio da visão”, enquanto a criança ouvinte faz uma construção silábica sonora.

Quadros (2008, p. 70) coloca algumas ideias necessitam mostrar para pessoas que possam entender a dificuldade da criança surda que não dominam a Língua Brasileira de Sinais como sua primeira língua e mostram com naturalidade os primeiros gestos, a criança surda balbucia com as mãos e a ouvinte também, com a voz.

O melhor é estabelecer uma comunicação direta com os alunos onde o professor sabe a língua e não necessita de um interlocutor para estabelecer a comunicação, no caso o intérprete de LIBRAS.

5 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM A MÃE

O questionário semiestruturado foi aplicado com a mãe da aluna surda e teve apoio do intérprete de LIBRAS que auxiliou no momento de estabelecer a comunicação entre a pesquisadora e a entrevistada. Quando a mãe é questionada referente a como foi o nascimento do bebê, se ele nasceu surdo ou se adquiriu a surdes e quais as suas causas, ela responde que:

(01) Mãe: Ela nasceu e fizemos o teste da orelhinha, um pouco tarde, eu tive ela no hospital particular pelo plano de saúde e eles ficaram de me ligara para nós fazermos o teste da orelhinha e não me ligaram. Demorou um pouco e eles ligaram e a gente foi fazer o teste, e ela não passou no teste da orelhinha, então a fonoaudióloga pediu para nós fazermos o teste em Sinop não tinha, depois achamos que não precisa ir para Cuiabá. Então o pediatra perguntou se ela tinha passado no teste da orelhinha do BERA e nesta idade ela também não andava. Fomos então primeiro ao neurologista para saber o porquê que ela não andava e lá descobrimos que ela tinha má formação no cérebro e isso gerou um problema motor que não fazia ela andar e tinha surdez também.

Isso mostra a importância de fazer os exames no período correto da gestação e o acompanhamento pré-natal, onde a partir disso pôde-se chegar a saber antes do bebê nascer se há algum problema com ele ou algo do tipo. Na fala da mãe notamos que por falta de conhecimento não buscaram logo encontrar uma causa para as dificuldades que a filha encontrava e apenas depois que a criança completou 2 anos que foram saber de verdade a resposta as dificuldades que ela tinha.

(02) Mãe: No começo era muito confuso, umas pessoas falavam para colocar na LIBRAS e outros não, porque quando fizer o implante ela vai aprender LIBRAS e não vai mais querer falar. Mas as pessoas aqui de Sinop falaram diferente para

depois que colocar o implante, era para colocar ela na LIBRAS. Mas o pessoal de São Paulo falou, não, como que você vai implantar e se comunicar com ela na LIBRAS. E desde o começo sempre falávamos, ela vai fazer implante e se ela não oralizar a gente vai colocar na LIBRAS, mas estamos fazendo cursos, estamos no básico. Eu faço em um horário e ele em outro e a Helena na escola, mas queremos que ela aprenda LIBRAS mesmo que ela fale, porque ouvindo ela já está, porque vai que no futuro esse aparelho dá algum problema e fica complicado”.

É um fator primordial a comunicação para o desenvolvimento da criança e para o fortalecimento de vínculo entre os pais, porque a comunicação está ligada e a relação de afeto, pois se os pais não conseguirem ao menos se comunicar com o filho, nunca conseguirão estabelecer uma relação de mãe/filha(o) ou pai/filha(o).

A relação da criança surda com crianças ouvintes é fundamental, pois as duas podem se comunicar e a criança ouvinte aprender uma nova língua. Esse fator é essencial e ainda mais no ambiente familiar em que a criança surda se sentira acolhida e poderá falar em sua língua natural. Referente a este contato de sua filha surda no ambiente familiar com os demais filhos a mãe responde que:

(03) Mãe: Tenho dois filhos, a Helena e o João que é ouvinte a gente tinha uma preocupação também porque assim que descobri a surdez da Helena eu descobri a gravidez do João e nós tínhamos de correr atrás de tudo para dar uma qualidade melhor de vida para ela, tinha que correr atrás de tudo, implante, LIBRAS e nos com todas essas informações e junto essa gravidez. Eu comentei com meu marido que se ele fosse surdo também já saberíamos como agir e ir atrás do que ele precisasse. Os dois hoje brincam, brigam, mas convivem muito bem.

Quando a mãe relata que se este novo filho também tivesse a surdez ela já saberia como agir, pois já tinha as experiências com a filha mais velha, isso mostra que a aceitação dela e da família sobre a condição da filha e o entendimento é diferente do que anteriormente ela mencionou, quando não sabia nada sobre o assunto e estava agindo sem saber se seria algo benéfico a filha ou não. É de suma importância a família reconhecer este sujeito surdo e compreender que ele é único e tem sua identidade e cultura e que estas não devem ser deixadas de lado.

Em relação a importância da LIBRAS na vida da sua filha a mãe diz que:

(04) Mãe: Nós sabemos que a LIBRAS é a língua da Helena e que ela tem de aprender. As fonoaudiólogas nos confundiam, a gente queria colocar o implante, a gente queria que nossa filha ouvisse, que nossa filha falasse, no começo é susto para todo mundo, assim como para outros, mas sabemos que essa é sua língua e que aprenda para ter contato com outros surdos e para nos ajudar para quando ela tiver maior.

Isso demonstra a importância que a mãe, assim como seu esposo dão a filha aprender a sua primeira língua e poder se comunicar e se desenvolver a partir disso. É válido ressaltar também o ponto em que a mãe fala sobre o contato com os surdos adultos falantes de LIBRAS porque isso vai ajudar a pequena a desenvolver uma fluência na Língua de Sinais e que trará muitos ganhos para o seu futuro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as crianças surdas estando inseridas em espaço escolar mesmo que não sendo uma escola bilingue onde tenham todos os professores com formação específica na área da LIBRAS e professores surdos, ela pode se desenvolver e aprender sim, pois a partir da parceria entre família e escola.

Podemos constatar que a família é um agente muito importante na formação da criança, sendo ela surda ou não, pois não adianta somente a escola desempenhar seu papel de formar ela e a família negligenciar a mesma e não participar de sua formação.

Ainda a muito a ser conquistado e melhorado em relação a aprendizagem das crianças surdas aqui no município de Sinop porque ainda não se tem escolas que trabalhem em seu currículo a LIBRAS e apenas fazem um trabalho de incluir esta criança na sala com sua turma e na sala de recurso.

REFERÊNCIAS

CESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, Ronice Miller. **Educação de surdos**: a aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

STROBEL, Karin L. História dos Surdos: Representações “Mascaradas” das Identidades Surdas. *In*: QUADROS, Ronice M.; PERLIN, Gladis (org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.